

Prognósticos de *bien-vivre*: uma cartomancia de deleites nas mãos do *flâneur*-profeta

Doutoranda Tatiane Milene TORRES (USP)

Resumo:

Tendo em vista o cotejo entre o *Almanaque Brasileiro Garnier*, publicado entre 1903 a 1914 no Rio de Janeiro, sob um modelo francês e o *Almanach Hachette* que esteve em circulação entre 1894 a 1939 na França, propomos um estudo comparativo que visa corroborar a construção de cidades ideais em um universo místico que garante, com seus prognósticos, signos, santos e calendários, receitas de felicidade. Neste universo popular e onírico, o leitor-agente se alimenta de prenúncios de ventura, tendo garantido o controle de seu destino por meio de toda uma simbologia que o afasta dos dissabores cotidianos. Isto lhe permite tanto o controle da vida quanto do tempo, posto que os santos destinados para cada dia, os astros que o livra das intempéries diárias e os presságios de regozijo, os coloca em um tempo outro, capaz de retê-lo de seu decurso, como uma espécie de aprisionamento em seus vários calendários, garantindo uma *rêverie* que oblitera os males da existência.

Palavras-chave: almanaque, cidade, utopia, *flâneur*-profeta, prognóstico

Considerando a expressiva influência francesa no *Almanaque Brasileiro Garnier*, publicado entre 1903 a 1914, concebido sob um modelo francês e produzido por uma das últimas filiais francesas estabelecidas no Rio de Janeiro, propomos o cotejo, não seguindo o viés da fonte-influência, com o *Almanach Hachette* que esteve em circulação entre 1894 a 1939, na França. O estudo comparativo busca aferir a construção, pelo *flâneur*-profeta, das cidades ideais, Paris e Rio de Janeiro, processo que se dá por meio de um olhar visionário, revelando os signos escondidos das urbes reais na modernidade, possibilitando uma lisibilidade que alimenta os sonhos dos leitores com prognósticos de felicidade.

É importante salientar que o estudo em questão tem como objeto um gênero popular, almanaque, tanto da *littérature de colportage* quanto da literatura popular brasileira, que segundo Suassuna (1927):

(...), recusa-se àquelas friezas intelectuais, cerebralistas e isoladoras e é, no mundo contemporâneo, um dos últimos herdeiros do Humanismo; da posição daqueles que procuravam ser fiéis, ao mesmo tempo, ao conhecimento e à beleza; à filosofia e à poesia; à ciência e à arte; ao claro real e ao enigma sombrio; ao cotidiano e ao sonho; a tudo o que se entrega à reflexão consciente, mas também ao que nos inquieta nas escuras profundezas do inconsciente¹.

Esta recusa ao isolamento tanto das artes como das ciências, bem como menciona Suassuna, além da super valorização da racionalidade, faz do almanaque o derradeiro livro, enciclopédia popular, que permite aos leitores obter respostas para diversas indagações, seja para nutrir seu pensamento estético seja para conhecer a natureza dos avanços científicos, bem como da parcela onírica que permite sonhar e refletir sobre os mistérios da humanidade. Nesta miscelânea de temáticas que os almanaques oferta aos leitores, as inquietações de qualquer ordem são abolidas, fazendo de tal atmosfera uma panaceia para todos os males.

O caráter variado dos almanaques, característico do gênero, como um caleidoscópio apaziguador dos anseios humanos, faz parte de uma literatura pouco conhecida e creditada em relação ao cânone, o que, muitas vezes, classifica-a, de maneira incorreta, como paraliteratura ou literatura menor, fazendo dela representativa das classes iletradas. Esta literatura popular no Brasil e de *colportage* na França foi, em sua origem, difundida pelos caixeiros viajantes e pelos *colporteurs*, ou seja, pessoas que facilitavam o acesso a esse tipo de literatura, o que a posteriori as próprias editoras e os livros impressos puderam realizar.

Geneviève Bollème menciona a falta de conhecimento em relação a tal literatura, por ser nomeada como popular já se subentende que não possui uma designação apropriada, é desconhecida, mal-amada, não obstante seu caráter grandioso:

car à peine porte-t-elle un nom: on la qualifie de littérature populaire. Nom qui est celui de l'impossibilité même de la nommer, littérature du plus grand nombre, nom qui dit déjà qu'elle est mal connue, méconnue, mal aimée, innommable... (BOLLÈME, 1971, p.8)²

Este microcosmo feérico e metafísico, onde se busca entender a Vida, “de maneira

elogio ao gênero feito a priori no já extinto *Jornal da Semana*, do Recife, e que posteriormente foi reescrito e publicado na *Folha de São Paulo*.

2 . Por não possuir deploravelmente um nome, nós a qualificamos de literatura popular. Nome que indica a impossibilidade de nomeá-la, literatura que exige reconhecimento, nome que já diz que é pouco conhecida, desconhecida, mal-amada, inominável...

precária, mas totalizante” de acordo com Suassuna, possibilita aos leitores a salvação das problemáticas do mundo externo, sendo erigido pelo *flâneur*-profeta que possui, em suas mãos, uma cartomancia de deleites. A clarividência do *flâneur*-profeta permite a seleção de temáticas que consolam seus leitores, além de servir como ingredientes para a construção das urbes utópicas, o que torna as cidades lisíveis, com seus actantes que permitem sonhar na modernidade. Ao escrever sua poética da modernidade nos livros sagrados, o *flâneur*-profeta se dirige aos leitores-agentes que se veem, cada dia mais, isolados em seu mundo de fetichização de mercadorias e de aceleração do tempo. Tais problemáticas são erradicadas pela oferta inacabável de produtos deleitáveis, que permitem sonhar e pelo aprisionamento da inexorabilidade nos vários calendários, além da impressão de uma companhia assegurada pela parceria tanto das infindáveis leituras quanto dos contatos de outros leitores.

É no almanaque que se dá a lisibilidade da Paris e do Rio de Janeiro modernos, havendo uma espécie de atemporalidade assegurada pelo mito de cronos encarcerado, mesclada a uma proteção exacerbada, ora pelos santos, ora pelos astros e astrólogos, dentre outras formas contíguas de resguardo das intempéries diárias. Neste universo emblemático e poético, o *flâneur*-profeta seleciona uma série de actantes que o ajudam a construir as tão sonhadas cidades utópicas, sendo o destino e a administração da passagem do tempo protegidos por meio dos conselhos de homens dotados de poderes sobrenaturais, como o *Monsieur Clay Burton Vance* do *Almanaque Brasileiro Garnier* e do *Professeur M. Radja* do *Almanach Hachette*.

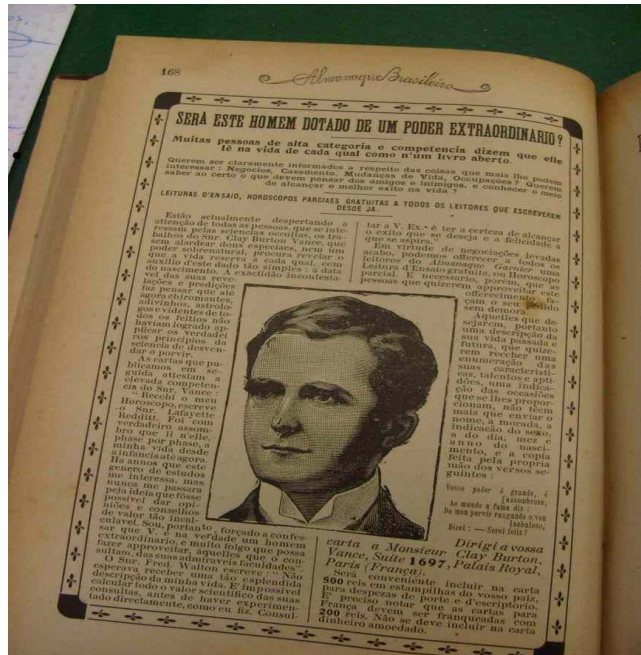
Com o intuito de edificar as urbes ideais, ofertando remédio para todos os males, o *flâneur*-profeta se vale de autoridades das ciências ocultas para assegurar seus leitores de que as faculdades de tais homens garantem o conhecimento do passado, do presente e do porvir, como uma espécie de consolo para as inquietações de qualquer natureza.

Essa garantia de controle do tempo e da vida nas cidades ideais pode ser exemplificada por meio da análise do primeiro prognosticador que é apresentado com uma indagação bastante significativa, que na realidade, tem caráter afirmativo “**Sera este homem dotado de um poder extraordinário?**”. Este poder é reiterado e reforçado na seguinte frase, “Muitas pessoas da alta categoria e competencia dizem que elle lê na vida de cada qual como n’um livro aberto”, o que atesta o teor de seriedade da

propaganda e dos serviços prestados, posto que as pessoas que testemunham tais poderes são de alta categoria e competência, assegurando os leitores de que não se trata de engodo. O discurso que assegura a clarividência do *Monsieur Clay Burton Vance* em consonância com o universo místico dos almanaques, como uma espécie de mise en abyme visionária, possibilita um jogo um tanto quanto persuasivo nos leitores, visto que o homem dotado de poderes extraordinários é apresentado pelas mãos do profeta maior, o *flâneur*-profeta, que por sua vez, está inserido em um microcosmo hermético, subjugado pelos poderes do macrocosmo, ou melhor, dos astros, que têm poder para influenciar o destino dos almanaqueiros.

A faculdade prodigiosa de *Monsieur Vance* continua sendo certificada na propaganda com um tom notório de presságio, assegurando os leitores de que podem ser informados a respeito de áreas que mais lhes interessam, como: “Negócios, Casamento, Mudanças de Vida. Ocupações?”, o que nos remete à angústia pelo porvir que sempre esteve presente no homem, haja vista o poder dos oráculos na Grécia Antiga, ou ainda, os sacerdotes romanos que tiravam seus prenúncios do canto e do vôo das aves, sendo uma constante inquietação a busca pelo controle do destino. O enunciador também garante os leitores de que existe a possibilidade de saber ao certo como devem pensar a propósito dos amigos e inimigos, além de conhecer o caminho para atingir o verdadeiro sucesso na vida: “Querem saber ao certo o que devem pensar dos amigos e inimigos, e conhecer o meio de alcançar o melhor êxito na vida?”.

Logo abaixo um tom coercitivo é observado na medida em que o leitor é persuadido a escrever imediatamente, visto que dessa forma terá a gratuidade de “Leituras D’Ensaio e Horoscópos Parciais”, o que reforça a ideia de não se tratar de embute, ou seja, têm-se a impressão de que o lucro, caráter mercadológico do anúncio, é



Almanaque Brasileiro Garnier para o ano de 1914, p.168.

de certa maneira excluído.

O primeiro parágrafo é direcionado, na atualidade em questão, a pessoas que se interessam pelas ciências ocultas, legitimando o poder de *Monsieur Vance* com um tom moderado para não dar impressão de se tratar de charlatanismo, (...) “sem alardear dons especiaes, nem um poder sobrenatural, procura revelar o que a vida reserva a cada qual, com o auxilio d’este dado simples: a data do nascimento”. Com apenas a informação solicitada, o prognosticador tem poder para revelar o que a vida reserva para cada indivíduo, além de convencer os leitores de que a precisão indiscutível de seus prenúncios, até o momento, não fora vivenciada por “chiromantes, adivinhos, astrologos e videntes de todos os feitos”, por não terem aplicado “os verdadeiros principios da sciencia de desvendar o porvir”. Ora, o discurso convincente adotado na propaganda permite que os leitores acreditem verdadeiramente que outros áugures, até então, não tiveram capacidade de manipular os princípios da ciência de maneira a revelar o futuro, sendo *Monsieur Vance* privilegiado por possuir tais faculdades.

O texto prossegue com mais certificações da legitimidade do advinho, com cartas publicadas que “attestam a elevada competencia do Snr. *Vance*”, a do Snr. *Lafayette Radditt*, que demonstra tamanho espanto ao receber seu horóscopo e ler com tanta precisão a sua vida retratada fase por fase, desde a infância até o presente momento. O tom persuasivo perdura

quando este leitor confessa que há tempos tal gênero de estudos lhe interessa, no entanto não acreditava ser possível obter opiniões e conselhos de tal magnitude. Finaliza, então, seu depoimento, dando a certeza de ser um tanto quanto coerente em suas palavras, posto que é “forçado a confessar que V. é na verdade um homem extraordinário”, por ter dados verídicos que comprovam tal competência.

O tom de convencimento é reforçado no depoimento subsequente, do Snr. Fred. Walon, que menciona o fato de jamais ter imaginado receber uma descrição tão magnificente de sua vida, além de ratificar o caráter científico das consultas de *Vance*, “É impossível calcular todo o valor científico de suas consultas, antes de haver experimentado directamente, como eu fiz.” O caráter científico como sinônimo de legitimação das predições reitera o discurso da recusa do logrado, assegurando os leitores de que ao escrever para tal referência nas ciências ocultas não correrão riscos de ser ludibriados pela manipulação leviana dos astros por um falsário qualquer. Ainda pelo depoimento de *Walom*, que se direciona a *Vance* pelo pronome de tratamento V. Exa, que, de antemão, indica autoridade e certifica não se tratar de pessoa comum, têm-se, ao consultar tal sumidade visionária, a “certeza de alcançar o sucesso que se deseja e a felicidade a que se aspira.”

Em virtude do estudo comparativo aqui proposto, passamos para um dado de extrema valia que corrobora tal leitura, o fato do enunciador, que mais parece se tratar do próprio *Vance*, direcionar-se aos leitores do *Almanaque Brasileiro Garnier* orientando-os a fazer o quanto antes o pedido de consulta, pois desse modo, devido a negociações levadas a cabo, o que nos remete a uma relação França-Brasil, eles podem receber a oferta de uma “Leitura d’Ensaio gratuita, ou Horoscopo parcial”. Tal referência francesa no almanaque brasileiro evidencia o contexto da chamada *Belle Époque* carioca, havendo uma certa normatização do comportamento da sociedade ditado pelo afrancesamento dos usos e costumes, servindo como uma espécie de “domesticação” do povo em relação ao mundo de requinte e gosto europeu. Isto se reflete até mesmo na leitura dos astros, posto que o prestígio de ter uma consulta por um prognosticador francês, só validava tal atmosfera, além de servir como mais um artifício para legitimar e vender tal serviço e, por conseguinte, mais exemplares dos almanaques:

Prova contundente disso encontra-se nas colunas dos jornais que atendiam à crescente ansiedade em relação à aparência e ao estilo em voga, evidentemente disseminada pelas camadas médias e superiores da

sociedade carioca pelo menos desde a década de 1890. Muitas famílias da elite, acostumadas a passar longas temporadas em Paris e Londres, poderiam dispensar instruções quanto ao comportamento social considerado elegante na Europa. No entanto, outras famílias tradicionais (talvez menos viajadas), assim como os novo-ricos (e setores médios cada vez mais abastados e eurófilos) ansiavam por elas. Os jornais da belle époque perceberam e cultivaram essa ansiedade em face da adequação social. (NEEDELL, 1993, p.153)

O diálogo observado entre possíveis negociadores dos almanaques, quiçá *Ganier* e *Hachette*, os dois grandes livreiros responsáveis pela edição de tais livros, só reforça o viés comparativo do estudo proposto, bem como salienta que além das similitudes encontradas nos gêneros populares tanto da literatura popular brasileira quanto da *littérature de colportage*, têm-se ainda, em algumas seções, a constatação de uma profícua relação entre França e Brasil, ora pela oferta dos produtos, ora pelos contatos feitos pelos próprios leitores.

A leitura comparatista prossegue no último parágrafo, visto que o enunciador ainda se direciona aos leitores brasileiros, “Aqueles que desejarem, portanto uma descrição, da sua vida passada e futura”, o que reforça o caráter divinatório da propaganda, dando a entender que há possibilidade de conhecer o passado com possíveis obscuridades que influenciam tanto o presente quanto o porvir, além da revelação do futuro evitando sofrimentos vindouros. Além da descrição da vida passada e futura por *Monsieur Vance*, os leitores ainda podem receber “uma enumeração das suas características, talentos e aptidões, uma indicação das ocasiões que se lhes proporcionam,” o que nos remete para o fato de que as admiráveis faculdades do prognosticador não apenas revelam o passado e o futuro, mas também funcionam como uma espécie de orientação para descobertas pessoais. Assim, características, talentos e aptidões até então desconhecidos, podem abrir caminhos para oportunidades perdidas pela falta de conhecimento próprio, ou seja, os conselhos do adivinho revelam particularidades dos leitores que os salvam tanto das perdas provocadas pela falta de autoconhecimento quanto do não aproveitamento de ocasiões oportunas.

Tal ventura dos leitores é garantida por meio de um processo simples, posto que não há mais necessidade de enviar uma série de informações para o cálculo certo das previsões, como “o nome, a morada, a indicação do sexo, a do dia, mez e anno de

nascimento”, o que atesta a clarividência do Snr. *Vance*, pois possui tamanho poder, quiçá por ter evoluído em sua caminhada enquanto áugure, que não necessita mais de dados que anteriormente utilizava, tampouco da “cópia feita pela própria mão dos versos seguintes: Vosso poder é grande, é; [assombroso,; No mundo a fama diz:; Do meu porvir rasgando o veu; [nebuloso,; Dizei: - Serei feliz?]. Diante de tais versos e de algumas expressões do texto, observamos que o enunciador procura utilizar um discurso o menos ostensivo possível, como ardil para convencer os leitores de que não se trata de pessoa imbuída de jactância. Sendo assim, os versos que reforçam sua fama e poder são eliminados, até mesmo para não dar a impressão, com uma linguagem elogiosa, de que se trata de charlatanismo.

O texto finaliza com informações de ordem prática a respeito do pedido de consulta, como nome completo do adivinho, número, bairro e país, além de instruções em relação ao valor cobrado pelo serviço, sendo de “500 reis de estampilhas do vosso paiz”, justificando tal quantia apenas para despesas burocráticas, bem como de 200 reis para franquear as cartas, o que procura reforçar o caráter fidedigno do anúncio isentando-o de especulações comerciais.

A imagem de *Monsieur Vance* centralizada no texto tem o propósito de reforçar suas faculdades, na medida em que notamos um homem de olhar longínquo e aparência judiciosa, ou melhor, um visionário capaz de revelar o passado, aconselhar sobre o presente e transformar o porvir dos leitores com receitas de ventura.

Prosseguindo com o estudo comparatista, partimos para a análise do anúncio do *Professeur M. Radja*, do *Almanach Hachette*, cujo início se dá com uma exclamativa que busca causar nos leitores uma espécie de convencimento carregado de admiração a respeito das faculdades do prognosticador, “*Cet homme connaît votre passé et votre avenir!*”. Como no almanaque brasileiro, o discurso persuasivo percorre todo o texto, prosseguindo com a informação de que há unanimidade entre todas as partes do mundo a respeito da clarividência do professor, como único que verdadeiramente revela, com exatidão, a vida de cada um, “*Toutes les parties du monde sont unanimes à dire que nul autre que lui seul ne dévoile avec autant de précision, la vie de chacun.*”. Outra similitude com o anúncio do adivinho *Vance* é o tom de comprovação utilizado, o que certifica os leitores de não se tratar de tapeação, posto que diariamente chegam de todas

as partes atestações que comprovam o poder insigne de *Radja*, “*Des quantités d’attestations lui arrivent chaque jour de toutes parts*”, como o depoimento

Loges de balcon	7	9	5	6
Baignoires	7	9	5	6
Fauteuils d'orchestre 1 ^{re} série	8	10	5	6
Fauteuils d'orchestre 2 ^e série	5	6	5	6

Loges de balcon de foyer

Avant-scènes de galerie

Fauteuils de galerie

Les enfants payent place entière.

Cet homme connaît votre PASSÉ et votre AVENIR !
Toutes les parties du monde sont unanimes à dire que nul ne dévoile avec autant de précision, la vie de chacun. Des quantités d'attestations lui arrivent chaque jour de toutes parts.
Mr L. H. écrit : *Vous me connaissez mieux, sans m'avoir jamais vu, que mes amis de trente ans : c'est le plus bel éloge que je puisse faire de votre science.*
Envoyer spécimen de votre écriture et date de naissance, mois, année et heure connue. Ajoutez-y enveloppe à votre adresse et 2 fr. en bon de poste ou timbres pour frais de poste et travaux d'écriture. Il vous enverra ensuite la Carte Planétaire et d'une étude gratuite de votre vie afin de vous faire connaître son succès. Affranchir lettre à 0 fr. 25.
Ecrivez lui sans hésitation, la véracité de ses dires vous étonnera.
Professeur M. RADJA
Transféré 42 Bloomsbury, Square W. C. (Dépt. 73) Londres
NE PAS CONFONDRE AVEC LES IMITATEURS

Comédie Mondaine 75, Rue des Martyrs. — Faut. d'orchestre, 1 fr. 75 ; de balc., 1 fr. — Dim., fêtes, Mat. à 2 h. 1/2. — Mai, Sept.

Comédie Royale 25, R. Caumartin. — Téléph. 307-36. — Direction : MAX VITERBO
Spectacles variés et inédits. — Faut. d'orch., 10 fr. ; Loges, 15 fr. la place. — Location sans augmentation de prix.

Almanach Hachette para o ano de 1912, p.83.

de Mr. L. H. que se dirige ao professor destacando admiração pelo fato dele o conhecer, sem jamais o ter visto, melhor que seus amigos de trinta anos, “*Vous me connaissez mieux, sans m'avoir jamais vu, que mes amis de trente ans.*”, concluindo que diante de tamanho prodígio não pode deixar de louvar suas faculdades, “*c'est le plus bel éloge que je puisse faire de votre science.*”

É o que ocorre no anúncio de *Vance*, posto que o discurso também se constrói por meio de uma linguagem persuasiva acompanhada de atestações, bem como de instruções quanto ao procedimento para fazer o pedido de consulta, não obstante a exigência de mais informações, como enviar escrito, possivelmente para análise da maneira pessoal de traçar os caracteres, da data de nascimento, do horário, do mês e do ano, bem como acrescentar um envelope com endereço pessoal e dois francos (*en bon de poste*) para despesas de correio ou selos para tais fins. Em seguida, o leitor receberá a *Carte Planétaire* e um *étude gratuit* de sua vida a fim de conhecer o sucesso. Ainda se pede para *affranchir* a carta, ou seja, pagar a taxa de envio de 25 centavos. Desse modo, o texto finaliza com uma frase um tanto quanto coercitiva, “*Écrivez lui sans hésitation,*

la véracité de ses dires vous émerveillera”, o que além de impulsionar o leitor a escrever, também lhe certifica sobre a legitimidade do serviço e lhe garante admiração.

Assim, o leitor francês, como o brasileiro, também deve direcionar sua carta a um outro país, neste caso, Inglaterra, de cujo endereço 42 *Bloomsbury, Square W. C.* (Dept. 73) Londres, receberá o passaporte para uma vida repleta de êxito. Por isso, para adquirir tal ventura, o leitor deve ficar atento aos imitadores, “*Ne pas confondre avec les imitateurs*”, o que novamente garante sua exclusividade e sua seriedade.

É, pois, com uma imagem um tanto quanto sugestiva, destacada no lado esquerdo do anúncio, que o prognosticador - com um olhar distante, sobrancelhas grossas, bigode espesso e mão no queixo, dando-lhe ar de pensador, além de sua vestimenta que nos remete a sua áurea mística - completa seu discurso persuasivo. Tendo a aparência o papel de convencimento para levar os leitores à aquisição de uma vida repleta de regozijo.

Em virtude da análise dos anúncios, observamos que o *flâneur*-profeta se utiliza de inúmeros artifícios para construir as cidades utópicas, transformando os almanaques em uma espécie de *bric-à-brac* que possibilita a lisibilidade das urbes sonhadas. O *marchand* de ilusões permite a edificação de paraísos artificiais por meio de uma embriaguez deleitosa, seja pelos componentes feéricos dos produtos, elixires e tônicos, seja pelo microcosmo místico de salvação das intempéries da vida, elegendo um tempo outro, suspenso, aprisionado, cuja inexorabilidade é transformada em possibilidade para sonhar, ou seja, um tempo onírico nas cidades ideais em que a *rêverie* é assegurada como remédio para todos os males da modernidade.

Bibliografia

BOLLÊME, Geneviève. *La Bibliothèque bleue littérature populaire en France du XVI au XIX siècle*. Paris: Julliard, 1971 (archives).

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SUASSUNA, Ariano. *Almanaque Armorial*; seleção, organização e prefácio Carlos Newton Júnior. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

GARNIER, H. *Almanaque Brasileiro Garnier*. Rio de Janeiro: Garnier, 1914.

XII Congresso Internacional da ABRALIC
Centro, Centros – Ética, Estética

18 a 22 de julho de 2011
UFPR – Curitiba, Brasil

HACHETTE, L. *Almanach Hachette Petite Encyclopédie Populaire De la Vie pratique*. Paris: Hachette & Cie , 1912.